ANA CANOSA

com Juliana Mendonça

SEXOTERAPIA

Desejos, Conflitos, Novos Caminhos em Histórias Reais

AMOSTRA

Ilustrações

Melissa Gomes Baltazar

ALTA LIFE
EDITORA
Rio de Janeiro, 2019

ÍNDICE

Apresentação 9

Parte 1: Anseios, Vivências e Expressões do Amor 13

Travada na cama 17

O pai de muitos 25

Seu passado não a condena 33

O ex da rua de cima 41

Mulher de uma aventura só 51

Mas com o meu amante... 59

O prazer da aceitação 65

Parte 2: Inadequações e Disfunções Sexuais 75

Tamanho P 79

Uma cortina, um clitóris e uma cestinha de pães 85

Ela se negou para mim 91

E você termina sozinho 101

Ela era o pinto da mãe 109

Cruzando a linha do trem 121

Espelho meu 129

Pantufas da monogamia 135

Agradecimentos 143

AMOSTRA

TRAVADA NA CAMA

Eles eram o casal vinte da escola. Os dois eram lindos, divertidos e inteligentes. Não chegaram a ser primeiros namorados, um do outro, mas eram os primeiros que importavam. As famílias se gostavam, os amigos eram os mesmos, o Natal era combinado, roteiro de filme.

Quando estavam na faculdade, ele foi passar um semestre fora em intercâmbio e se envolveu com outra. Foi aquele drama de sempre quando ela descobriu, porém, exponencial, pela juventude e pela falta de experiência de ambos. Terminaram o namoro à distância, e o semestre fora se transformou em sete anos inteiros separados.

Nesse meio tempo, ele tem vários amores de verão enquanto viaja pelos Estados Unidos. Engata um namoro, engravida a namorada americana e acaba se casando por lá. Já ela dá seus pulos. Se forma, sai com várias pessoas, até que conhece um cara lindo que a fazia se sentir única. Não se apaixona de novo, mas tampouco sente saudades do ex.

Isso até ele voltar, anos mais tarde, já divorciado, e começar a tentar aproximações. Primeiro como amigo. Apela para o passado em comum, para o afeto entre as famílias. Tática

AMOSTRA

ou não, fato é que aquelas coisas eram verdadeiras. Eles realmente tinham uma história legal. Não era de ontem que as famílias conviviam. Ela baixa a guarda para a amizade, mas ele logo declara que quer mais. Não quer sequer namorar, por ele é casamento direto. Diz que está decidido e que os anos de separação o ajudaram a aquilatar melhor o que eles tinham.

De fato, se apaixonar por alguém que tem valores parecidos com os nossos, química e que está disponível em todas as acepções do termo é uma combinação especial que muita gente deixa passar por bobagem. Agora, embora pai de um garoto de três anos que ficou morando com a mãe, ele estava ali, "soltinho da silva". Ela baixou a guarda de vez. Colocou a traição de outrora na conta de uma imaturidade passada e resolveu voltar com o ex, para a alegria geral de todos que os conheciam.

Esse retorno, no entanto, não se dá sem sequelas. Ela volta um pouco receosa com ele. Julgando-se com menos recursos para lidar com o ciúme, para fazê-lo aquietar. Era aquele típico caso, onde temos, de um lado, alguém inseguro, com medo do fracasso, sentindo-se ameaçado diante de qualquer insatisfação do outro; enquanto isso, do lado oposto, temos uma pessoa tranquila, segura demais do seu lugar.

Ele, que já era bonito e interessante, havia ganhado confiança nessa estadia internacional. Além disso, sempre foi uma pessoa que gostava de seduzir, assim, por diletantismo. Aquele tipo que está sempre abrindo um sorriso, fazendo uma voz mais tenra para a atendente, para a médica, para quem passar pela frente dele. Não era uma questão de ser canalha, mas de curtir o jogo recreativo da sedução. Mais um *modus operandi* dele, do que, realmente, um desejo de se envolver.

Poderia ser o caso de um relacionamento abusivo. Um cara confiante demais com uma garota que teme perdê-lo. Ele, com certeza, tinha uma tendência à manipulação, mas o que eu gos-

AMOSTRA

to dessa história é como ela mostra que tendência não é sentença e que uma pessoa pode pender para uma característica, digamos, menos nobre, e dizer, opa, não é desse jeito que eu quero ser, não é assim que quero agir com quem está comigo.

Antes de me procurar, os dois já tinham feito uma terapia de casal na qual havia ficado claro que ele tinha essa tendência à manipulação, uma tendência que se manifestava basicamente em alimentar inseguranças dela para que ela cedesse às vontades dele. Se os dois tinham um impasse, por exemplo, sobre onde iriam morar, ele começava a nutrir nela o medo de perdê-lo, de modo que ela logo aderia à posição dele. Não é, obviamente, uma característica a ser louvada, mas ele reconhecia a atitude errada, se desculpava, e buscava se controlar.

No sexo, algo semelhante se manifestava. Diante de qualquer negativa dela vinha o parecer técnico: você é travada na cama. Isso foi minando a confiança dessa mulher, que parou de ouvir os próprios desejos, uma vez que estava sempre avaliando esses desejos, achando-os aquém. E aquém do quê?, é a pergunta. De um ideal de mulher fatal que o marido tinha na cabeça, da mulher que topava tudo.

O que é ser travada na cama? Para mim, é alguém que tem dificuldade em dar vazão ao próprio desejo. Que quer fazer determinadas coisas e não consegue, ou não se permite. Topar algo a pedido do outro é legítimo. Em uma relação, tem que haver negociação e é positivo ceder ao desejo do outro. Mas você precisa ter clareza de que aquilo é o desejo do outro e que você pode decidir se vai experimentar, ver se aquilo te agrada ou, pelo menos, não te incomoda. Não dá para medir o seu desejo com a régua da expectativa alheia e ficar se achando "travada na cama" apenas por não achar graça em algo que ele considera o máximo. No entanto, vários homens usam essa cartada de dizer que a mulher é travada. E elas compram o diagnóstico.

AMOSTRA

Foi justamente o que aconteceu com ela. Vestiu a carapuça de travada na cama e passou a questionar a própria liberdade sexual. Na longa lista de requisitos do parceiro para não ser travada, constava ali uma troca de casais. Ela não tinha a menor vontade, mas esse assunto rondava as conversas há anos e ela já havia prometido que quando encontrassem um casal atraente o bastante, poderiam tentar.

Agora, vamos lá, vou descrevê-la: sobre práticas sexuais, ela não era, assim, tão óbvia. Curtia também brincar com vibradores, topava jogos sedutores em ambientes públicos, gostava de se vestir de modo provocante, não tinha nojos, e nunca emudecia quando ele disparava enredos repletos de sacanagem. Gostava de sexo. Mas isso não bastava para ele.

O sonho-mor dele era levá-la a uma festa de *swing* de uma comunidade internacional de luxo que promove encontros similares aos do filme *De Olhos Bem Fechados*. Para isso, seleciona casais bonitos, faz questionários imensos e marca eventos em castelos, navios, uma coisa bem cinematográfica. Frequentemente ele pesquisava eventos dessa natureza na internet.

Foi então que se deparou com a notícia de um conhecido festival de arte, música e liberdade, também conhecido pela prática do "amor livre", e começou a campanha dentro de casa.

Passaram parte de uma sessão descrevendo uma tal de *Barraca da Orgia*. Eu passei a investigar a legitimidade daquele desejo, e todas as possibilidades que a concretização de uma fantasia sexual podem ocorrer no relacionamento de um casal. Sem julgamento moral, minha maior preocupação era que, embora se sentisse excitada com a possibilidade, da fantasia para a concretização há um caminho que ela não estava segura em seguir. Mas se deixou convencer pelo marido, depois dos acordos que fizeram: ela não permitia que ele sequer beijasse alguém, mas ele se dava por satisfeito de vê-la

AMOSTRA

na “pegação”, caso ela se sentisse com vontade. Fazia parte da negociação darem um *stop*, assim que qualquer um dos dois se sentisse desconfortável.

Fizeram as malas e seguiram rumo à aventura sexual. Com a luz amarela da intuição ligada, de quem costuma acompanhar processos assim, eu me limitei a torcer para que as coisas não desandassem entre eles.

No dia da festa, me contaria a moça mais tarde, ela se arruma toda. Coloca uma roupa esvoaçante, cheia de fendas e decotes. Põe cílios postiços, se diverte um pouco com o jogo da preparação. Quando chegam ao local, logo percebem que o evento era uma versão atualizada de Woodstock, com mais arte, menos roupa e com todos os perfis da diversidade sexual possíveis. Mais curiosa do que excitada, ela passava os olhos como se estivesse diante de algumas obras de Dalí.

Depois de algumas horas em que exploraram o espaço, dançaram um pouco a céu aberto e testemunharam cenas de sexo bem animadas, ela sinaliza para o marido que já estava bom. Os dois já estavam suficientemente conectados com o tema *sexo* e, por vezes, ela se sentia a adolescente animada dos anos iniciais. Queria voltar para o hotel e transar com o marido, como se o tivesse conhecido naquele dia. Mas não pensem que ele ia deixar passar em branco a tal *Barraca da Orgia*...

Se o clima geral era *De Olhos Bem Fechados*, na tal barraca o ambiente era mais explícito, chegando a beirar, e ultrapassar, o vulgar. Fantasias baratas e obscenas, tudo um bocado clichê, flertando com a sensualidade, mas se refestelando na baixaria. Era o sonho de um adolescente fã de pornô, executado com o esmero de um trabalho de feira de ciências. Os dois acharam graça da situação, mas, enquanto ela enxergou pela óptica do humor da cena, ele ficou notavelmente excitado.

AMOSTRA

Percebendo um casal que havia entrado no mesmo momento, ele logo engatou uma conversa que, em questão de minutos, virou um convite formal para sexo grupal. Nos pufes espalhados pela barraca, casais, trios, quartetos, quintetos, sextetos e grupos amorfos se conjugavam livremente. Na lona em volta, fendas exibiam pintos e bundas que se ofereciam sem nome nem rosto.

Os quatro seguem para um canto minimamente reservado e lá começam a se olhar e se tocar. Para ela, que não tinha a menor atração por mulheres, a cena já havia passado do limite. Já o marido, estava com tesão enorme por causa da situação e por ver a mulher dele sendo desejada por outras pessoas. Ela pede para ir embora, ele continua insistindo. Aliás, o problema era sempre esse: ele nunca se dava por satisfeito. Nesse momento, o acordo que tinham estava sendo rompido por ele.

Mesmo contrariada, ela faz um esforço para participar do jogo. Os quatro bebem, fazem piada, vão se soltando um pouco e terminam numa piscina de bolinhas onde rola um amasso geral. Um pouco a contragosto, ela deixa a nova amiga beijá-la e tocá-la, enquanto o parceiro da amiga a masturba. O marido fica muito excitado com a cena e decide extravasar isso... bem, penetrando a outra.

Provavelmente, deve ter sido o coito mais rápido da história. Assim que ela notou o que estava acontecendo, começou a chorar e fugiu. O choque de realidade a fez sair da festa, fazer as malas e pegar o avião no dia seguinte. Acabou com a brincadeira de uma vez. A partir daí, ela resolve colocar o marido na parede: eu sou assim, meus desejos são esses, meus limites são esses. Se você quer uma mulher que transe no lustre, procure outra.

A essa altura, a gente já havia desmontado na terapia o jogo de validação que ele usava para legitimar o próprio de-

AMOSTRA

O PAI DE MUITOS

Eu quero que você pense num rapaz tímido. Em um tímido de filme. Daqueles que têm dificuldade para ir ao parque dar uma volta. Pois me chega esse rapaz ao consultório, aos 37 anos. Com uma autoestima aos frangalhos. Apaixonado pela mulher mais atraente e popular do trabalho, para quem ele não conseguia dirigir a palavra. Não tinha um amigo mais próximo, muito menos namorada. A vida desse rapaz era da casa para o trabalho, do trabalho para casa. No fim de semana, quando muito, visitava a mãe, que morava no interior.

Da primeira vez que ele sentou no sofá do meu consultório, eu senti medo. Ele não conseguia falar. Não conseguia me encarar nos olhos. Ele tremia, não apenas as mãos, mas o corpo inteiro. Queixa de disfunção sexual, não havia nenhuma. O que ele não conseguia era chegar perto de uma mulher. Qualquer mulher o intimidava. A atendente do banco, a estagiária da firma onde ele trabalhava. O que mais esse rapaz queria era ter uma companheira, possibilidade essa que ele achava quase impossível. Sua solidão era imensa e doía fundo. Quase chegando aos quarenta anos sem superar esses medos, sentia que suas chances minguavam a cada dia.

AMOSTRA

Filho único de uma mãe autoritária e superprotetora, meu paciente teve uma infância de poucos amigos, mas também de poucos momentos de solidão. O pai, alcoólatra, após a separação do casal, tornou-se uma figura bastante distante. A mãe, por sua vez, trabalhava fora, mas voltava toda sua energia para o filho. Ela se ocupava desse filho quase o tempo inteiro. Ele era o presente da mãe, o movimento da mãe, o desejo da mãe, era tudo para ela. A relação era tão simbiótica que a mãe respondia por ele. Sabe quando alguém pergunta à criança "o que você quer comer?", e a mãe responde "ah, ele quer isso"? Pois então, ela agia dessa forma até hoje, mesmo com o filho adulto. Ele era, em suma, completamente abduzido por essa mãe. Um menino tímido por essência com uma mãe assim é juntar a fome com a vontade de comer.

Eu sei que muitas pessoas reviram os olhos diante da ideia de que a infância forma nossa essência, de que muitos de nossos problemas presentes remontam a carências e questões de nossos pais, das pessoas que nos criaram. Mas na experiência do consultório, o que observamos, caso após caso, é como essas faltas e crenças vão influenciando a construção da personalidade das crianças. Como a criança pode ser um grande receptáculo de carências.

Meu paciente cresceu tendo uma admiração enorme por essa mãe. Socialmente, ela não tinha muita expressão. Para ele, no entanto, era uma figura de grande poder e fascínio, e também de repulsa. Porque ele intuía que para ter uma individualidade era preciso se descolar dessa mãe que o abduzia, que o fundia à sua própria personalidade.

Sozinho, aos trancos e barrancos, ele conseguiu fazer essa separação. Conseguiu deixar a casa dela no interior e se mudar para São Paulo. Arranjou um emprego, um apartamento. Em alguma época morou na casa emprestada por uma tia, na

AMOSTRA

qual ele fazia questão de pagar o aluguel, mas que era recusado a todo custo. De algum modo, conseguiu construir uma vida independente da mãe. Para dar o passo seguinte, no entanto, sentiu que precisaria de ajuda. E foi onde eu entrei.

Não é nada fácil para um paciente assim buscar psicoterapia, quanto mais terapia sexual, e os próprios critérios que ele usou para me escolher já dizem bastante sobre seu caso. Fez várias pesquisas pela internet e me achou. Na época — isso faz uns dez anos —, eu já tinha percorrido uma carreira importante. Na cabeça dele, eu era *A* terapeuta fodona, e foi atrás disso que ele veio, de uma nova figura feminina de poder. Porque um homem assim é atraído *e* amedrontado pelo poder feminino. Ele idolatra a mãe e precisa quebrar o ídolo para seguir com a própria vida. Parte da dificuldade em ter uma namorada era isso: o medo de ter uma namorada, de misturar-se a outra mulher e perder a individualidade que batalhou tanto para conquistar. Intimidade e invasão caminhavam de mãos dadas na percepção inconsciente dele. Era quase um trauma.

O começo do nosso trabalho não foi nada fácil. Minha primeira reação foi de medo daquele cara que gaguejava, tremia, falava de modo tão desarticulado. Como terapeuta, eu passei anos treinando meu olhar para decodificar as pessoas. A fala, os gestos, a postura. De repente me chega essa pessoa que entrega tão pouco de si, que parece tão indisponível. Para você ter uma ideia, eu só marcava as sessões dele para os horários em que minha secretária estivesse ali comigo.

Já para ele, só de estar no consultório, diante de mim, era um sufoco no começo. Mas foi dessa relação, com uma inicial e desconcertante tensão, que conseguimos construir um processo muito bonito. Do medo, eu passei a conhecê-lo profundamente. Da intimidação, ele passou a conseguir se abrir para uma mulher, a encará-la, expor o que ele sentia. Ele trei-

AMOSTRA

nou comigo o que precisava praticar fora do consultório. Me tirar do pedestal, me enxergar como um ser humano que ele não conhecia, conseguir contestar ou aceitar coisas que eu dizia. É um processo muito delicado porque o terapeuta precisa, ao mesmo tempo, ter muita proximidade e empatia pelas questões do paciente, e a capacidade de se colocar à margem, de não se misturar àquelas emoções

Por ter passado tanto tempo sozinho, com pouca interação social, ele não desenvolveu habilidades importantes para o manejo da vida afetiva adulta. Me descrevia sonhos muito intensos, fortes, agressivos, devoradores. O estado de sofrimento era manifestado no tremor do corpo, a energia que ele não conseguia domar. Descarregava parte da tensão sexual através da masturbação e era um consumidor assíduo de material pornográfico pela internet.

Essa apreensão que ele me suscitava, essa sensação de indisponibilidade, me ajudava a entender a impressão que ele devia causar nas outras pessoas. Claro que muitas vezes eu posso ser pega por uma história pessoal minha. O paciente pode despertar em mim uma emoção que tem a ver com a minha relação com o meu marido, com o meu pai — situações que só tem a ver comigo —, e isso é perigoso, pode me fazer trazer para a terapia dele coisas que não dizem respeito a ele. Mas quando o terapeuta se conhece bem e está em constante processo pessoal, essas emoções ficam mais claras e ajudam no processo. Esse é um dos grandes desafios da profissão.

Em determinado ponto da psicoterapia, ele resolver fazer um "curso intensivo de adolescência", nas palavras dele. Frequentou pela primeira vez uma legítima e despudorada "casa de massagem". Matriculou-se num curso de dança, noutro de bateria, foi aprender a lutar Aikido e estava disposto a flertar. Claro que nada disso foi simples. Quando começamos a paque-

AMOSTRA

rar lá pelos 14, 15 anos, somos um fracasso social, mas todo mundo é um fracasso social. Ele estava começando com quase 40 anos. Todos os códigos, os macetes, as estratégias que uma pessoa costuma levar toda a adolescência e começo da vida adulta desenvolvendo, ele não tinha. Estava sempre atento aos seus passos e gestos, com as mulheres, pensando em como poderia agradar. Mas não sabia ainda se expor de maneira adulta. Se uma mulher se aproximava, ele dava um jeito de afastá-la, falando alguma besteira pueril. Continuava a nutrir o amor platônico pela beldade do escritório, um tipo de comportamento masoquista, que não iria levá-lo a lugar algum.

Por uns dois anos, simbolicamente, eu fui a irmã que ele não teve, a mãe que precisava desconstruir, a namorada almejada, a professora que ele nunca conseguiu contestar. Ao fim desse período — nosso trabalho ainda duraria mais seis meses —, era outra pessoa. Ele já não tremia diante de mim. Já falava com mulheres no trabalho, na rua. Conseguiu até abordar a sua paixão platônica, usando uma desculpa esfarrapada, para enfim concretizar o que ele já sabia: ela não estava interessada nele. Passou pela sua primeira grande dor de cotovelo, mas foi capaz de lidar com a frustração, embora tenha também aumentado a sua percepção de que seria impossível ter alguém, criar intimidade, ser descoberto na sua inteireza.

Um detalhe desse processo que é bastante curioso — e é também um dos motivos pelos quais eu lembro desse caso com muito afeto e consideração — é que, quando estávamos justamente nesse processo de perder o medo das mulheres, de entender que era possível se relacionar com alguém sem entrar em uma nova simbiose, e ao mesmo tempo reafirmar e fortalecer a sua identidade "no mundo" (e não só na relação afetiva-sexual), esse paciente vira para mim e diz: "virei doador de sêmen". Você já conheceu algum? Pois é, até aquele momento eu também não.

AMOSTRA

Foi a um centro de doação, fez todos os exames, viu que os espermatozoides dele eram saudáveis, que tinham motilidade, e decidiu ser doador. Para ele isso funcionava como uma maneira de se "redimir", já que ele sentia que "usava" as pessoas na medida em que consumia pornografia. Era, nas palavras dele, um "devedor" no campo sexual, um egoísta que se satisfazia e não dava nada para ninguém. Estava ali, criada mais uma categoria de sexo responsável (não é exatamente o que se entende por, mas no sentido subjetivo). Fazer sexo de maneira responsável pode ser mais do que só usar preservativo, cuidar de si e do outro, negociar prazeres, não é mesmo?

Eu tenho também outra leitura desse momento, com a qual ele não concorda (espero que ele ria quando ler esta parte). Talvez houvesse uma fantasia de que poderia ter alguns filhos espalhados pelo mundo; de que ele, tão tímido e tão solitário, estava provando sua virilidade, e que isso o fortalecia como homem. Claro que havia também uma generosidade linda naquele ato. Na mesma época se cadastrou como doador de medula. Era um homem se fazendo importante para o mundo.

Não é que estivesse criando na mente um devaneio: ele não esperava encontrar um traço seu nos bebês que via na rua. Sabia que ter espermatozoides saudáveis não provava absolutamente nada. Mas essa é uma história bonita porque mostra como os caminhos emocionais vão substituindo as coisas concretas na vida da gente. Como uma fantasia, no caso dele, a de ser pai de alguns, pode servir como uma ponte para uma transformação na vida do indivíduo. (A essa altura, ele deve estar revirando os olhos e balançando a cabeça em negativa.) Demonstra como nós todos projetamos nas coisas, muitas vezes em coisas abstratas, a substituição das nossas carências.

Agora que esse moço já conseguia conversar com uma mulher e que já "era pai", ele podia parar de nutrir idealizações. Estava

AMOSTRA

SEU PASSADO NÃO A CONDENA

A primeira característica dessa paciente vai fazer aqueles leitores que, como eu, já flertam com o meio século de existência, revirarem os olhos. Ela não completou trinta anos ainda, mas já se sente velhíssima. Tenhamos um pouco de paciência com os jovens para que eu possa contar essa crise de meia-idade de uma moça de vinte e cinco anos.

Ela é ex-profissional do sexo e se descobriu no sexo muito cedo, aos quinze anos. De uma família de mãe pouco expressiva e pai muito rígido, nunca se sentiu motivo de orgulho. Em casa, jamais faltou nada, mas o padrão de vida era mediano e ela gostava de dinheiro. Gostava de confortos e, mais ainda, da sensação de distinção que os luxos podem dar.

Quando chega a adolescência, a moça se descobre atraente, percebe que chama atenção por onde passa e fica muito encantada com isso. A beleza lhe dá o tipo de aceitação gratuita que não sentia em casa e ela logo se torna viciada em chamar atenção. Sua vida sexual já começa com base na troca quando, aos quinze anos, marca um encontro com um cara

AMOSTRA

em um bate-papo na internet e pede um cachê pelo programa. A partir de então, cobra sempre. De uns, bem pouco, de outros, o máximo que pode. A cifra atingida dita sua autoestima e ela sente prazer em receber dinheiro – é uma forma de se sentir literalmente valorizada.

O esquema é arriscado e amador, mas ela cuida de tudo sozinha, sem recorrer a *sites* de prostituição ou a agenciamentos. Conversa com homens em bate-papos, combina o encontro e cobra. Os primeiros clientes a indicam para os amigos e ela logo tem mais procura do que dias livres. Com a agenda semanal lotada, seus pais a consideram uma adolescente muito saidinha.

Como a graça fundamental é ser paga, tem pouquíssimos relacionamentos fora da prostituição. Em um deles, namora uma travesti por alguns meses. Não se apaixona, mas o faz por afeto e por uma curiosidade crescente que a leva a experimentar tudo o que aparece em termos de possibilidades na cama. Ao longo dos anos, não são poucos os homens que se apaixonam por aquela menina tão nova e bonita, com um quê de desamparo, mas ela vai driblando esses afetos até que, aos vinte e três, quando se considera no auge de sua carreira, se apaixona por um cliente casado. A essa altura, já rompeu com o pai e fala bissextamente com a mãe, tem carro e apartamento comprados com o próprio dinheiro e poucos amigos.

O romance com o cliente é mais comum do que se pensa. A fantasia dos homens na prostituição passa por ter sexo sem sentimentos. Alguns deles se sentem tão demandados de afeto e compromisso, tão acuados diante de uma pressão (sobretudo imaginária) de que as mulheres estão sempre querendo arrancar coisas deles, que só relaxam quando estão em um contexto de regras claras e frias. A questão é que uma vez relaxados, fica o espaço para o sentimento e não é raro que

AMOSTRA

se apaixonem por prostitutas. Uns, claro, por fantasias algo machistas de que aquela, sim, é uma mulher sem demandas, sem pressão. Outros se apaixonam sinceramente pela pessoa, não pelo papel que ela desempenha, justamente por esse relaxamento da tensão da demanda.

Acredito que esse caso seja do segundo tipo, o que não significa que esse cara não tenha trazido para a relação diversos problemas da sua condição de ex-cliente assíduo de prostituição. Uma autoestima esburacada que ele preenchia com grana, uma vontade de dar tudo a ela, seguida de uma desconfiança de que ela só permanecia com ele por conta desses luxos.

O fato de ser casado se provou um detalhe de fácil resolução. Após poucos meses juntos, ele se separou da mulher. Em menos de um ano, estavam morando juntos. O casamento misturava um lado muito meigo de duas almas solitárias se encontrando, cuidando uma da outra, a acessos de ciúme e controle por parte dele. De um lado, era um cara que assumia ela publicamente, que não tinha vergonha de seu passado, que apoiava seus novos planos de estudo e trabalho. De outro, era possessivo, fazia acusações, dizia que ela só estava com ele por interesse. Tinha ciúme dos assédios que imaginava que ela sofria, mas se excitava em falar desses assédios: queria relatos sobre outros caras, sobre o cara que deu em cima dela na rua.

Ela, por sua vez, também era um porto seguro para ele. Depois de um primeiro casamento todo fraturado por mentiras, foi um alívio encontrar alguém disposto a entender, por exemplo, a atração dele por travestis. Logo nos primeiros meses de namoro, ele sofreu um revés financeiro do qual levou um ano para se recuperar e ela ofereceu todo o apoio que podia. Depois disso, numa época mais farta, compraram casa, ele lhe deu uma joia cara de presente… E mais acusações de que ela seria interesseira.

AMOSTRA

A transição desse papel de prostituta desejada e independente para o de esposa e estudante sustentada pelo marido rico não foi nada fácil para ela. Envolvia se despir de uma personagem longamente construída, lidar com essa perda momentânea de autonomia, tentar pela primeira vez fincar sua autoestima em atributos que já não eram o corpo, o sexo. Ela sempre foi inteligente, sempre gostou de ler, de ir ao cinema, mas a inteligência não era o que a definia aos seus próprios olhos. Por mais que a gente pense no exagero de uma moça de vinte e cinco anos se sentir velha, essa é mesmo uma fase em que as mulheres, sobretudo as muito bonitas, começam a se desvencilhar um pouco da aparência, a querer outras coisas. Se não é fácil para a maioria, imagine para quem construiu uma identidade e uma carreira em cima do corpo.

O que ele oferecia a ela era aconchego com sufoco. O que ela oferecia era um prazer masoquista. Eles recriam essa dualidade de dor e prazer o tempo inteiro na relação: é o presente que vem com humilhação, o sexo que vem com a vontade de ouvi-la falar sobre outros homens, um prazer que se intensifica através do medo de perdê-la. Se fosse um jogo sexual que se encerra na cama, não haveria tanto problema, mas, no caso deles, isso vazou para a vida e contaminou a relação como um todo.

O cenário era complexo. Ao mesmo tempo que esse homem simboliza o único relacionamento bacana, estável, cúmplice que ela já teve, também simboliza sufoco, ressentimento por sua perda de autonomia, por esse apoio que ora a coloca para cima, ora para baixo. À medida que busca outras coisas, que estuda, aposta em uma transição de carreira e tenta se afirmar por outros atributos. Enquanto ela preferia entrar em uma fase mais calma do relacionamento, em algo mais família, ele quer sexo todos os dias e conversas sobre outros

AMOSTRA